



INUNDAÇÃO DO SAÔNE EM LEÃO.

INUNDAÇÃO DO SAONE EM LEÃO.

Assim como os rios, quer pelo lado de fer-
tilisarem a região que banham, quer tomados
como arteria que serve a dar vasão aos produ-
ctos dos grandes mercados, e centros de popu-
lação, são geralmente fallando, um dos manan-
cias de riqueza; assim também ás vezes são
causa de grandes prejuízos, quando as suas aguas
tomando maior volume do que comporta ao seu
leito, o transbordam, e inundam as ruas e pra-
ças da cidade, a que até ali serviam de canal
de riqueza.

O Saone é um dos rios mais consideraveis de
França, que nascendo nos montes dos Voges,
junto a Darney, atravessa aquella região por
varios departamentos, e vae lançar-se no Rhô-
dano, abaixo de Leão. Recebe em si umas seis
ribeiras, e dá nome a dois departamentos.

Leão é uma rica, e consideravel cidade da
França. Dão-lhe por fundador o consul Lucius
Munacius Plancus, e remontam a epoca da sua
edificaçāo ao anno 41 antes de Jesus Christo.
Diz-se tambem que os barbaros a saquearam,
quando teve logar essa invasão de povos, que
como torrentes se precipitaram do norte, a oc-
cupar todos os paizes que os romanos haviam
aggregado ao seu imperio. Está levantada na
colina direita do Saone. A sua situação na con-
fluente do Rhodano e do Saone deu-lhe a im-
portancia commercial que tem, desenvolvida co-
mo se acha pelas inumeraveis fabricas que pos-
sue, e entre elles especialmente sobresaem as de
suas afamadas sedas, e rendas.

Não vae ainda longe a epoca em que foi
litteralmente inundada, pelo crescimento das
aguas do Saone. N'esta occasião soffreu valiosos
estragos, que a actividade do governo, e a ri-
queza dos habitantes d'esta cidade promptamente
repararam. Chegaram até altura aquelles volu-
mes do liquido elemento, que foi necessario sal-
var em barcos a desolada população, que assim
se encontrou encerrada em suas casas, não tendo
outra saída para esta unica via que se lhe offe-
recia de salvação, senão pelas janellas. Como é
de presumir foi grande o numero de victimas,
apesar da promptidão de soccorros com que se
accidiu.

Tal é a scena que a nossa gravura repre-
senta.

OS ULTIMOS ANNOS DO REINADO DE D.
AFFONSO V.

COM DOCUMENTOS INEDITOS.

v.

Continuação.

Os personagens que mais influiam no partido
do príncipe D. Affonso, e que depois, impelli-

dos por uma ambição pouco escrupulosa, offe-
receram os seus serviços a el-rei D. Affonso V.,
propugnando pelos direitos da infanta D. Joa-
nna, que elles declaravam antes infundados, eram
João Pacheco, marquez de Villena, e Affonso Ca-
rillo, arcebisco de Toledo.

O primeiro, fidalgo de origem portugueza (1),
que entrára como pagem na casa do celebre con-
destavel D. Alvaro de Luna, alcançará a final
um emprego junto á pessoa do príncipe Henrique.
A sua subtileza, e agudo engenho em breve
o tornaram absoluto dominador do espirito
de seu amo, e fôra, guiado pelos seus conse-
lhos perniciosos, que este tantas vezes se insur-
gira contra seu pae. Fertil em promover in-
trigas, sabia-as tambem conduzir com rara ha-
bilidade. A feição dominante do seu caracter era
preferir sempre os meios tortuosos aos meios de
uma politica franca, embora estes fossem mais
uteis ao fim a que se propunha. Naturalmente
humano, e sem ter o coração repassado de paixões
violentas ou ferozes, o seu espirito incons-
tante e versatil levava-o comtudo a involver fre-
quentemente o seu paiz nos desastres da guerra
civil. Fôra creado marquez de Vilhena por D.
João II de Castella, e os seus vastos dominios,
que se prolongavam até ás fronteiras de Toledo,
Murcia e Valencia, e abraçavam uma grande
extensão de territorio populozo com villas e lo-
gares bem fortificados, tornavam-n'o o mais po-
deroso senhor de Castella. (2)

(1) No tempo que el-rei D. Pedro I de Portugal trazia guerra com o de Castella sobre a sucessão do reino houve muitos cavalheiros principaes portuguezes que em seu serviço se assinalaram contra o de Castella, dos quaes foram Martins Vasques da Cunha, Gil Vasques, e Lopes Vasques seus irmãos, e João Fernandes Pacheco que venceram a batalha de Trancozo, que foi uma das memoraveis que em Hespanha houve, em que houve numero de seis centos homens de cavallo, gente mui nobre e capitães principaes de Castella que vinham victoriosos e com sette centas azemalas carregadas de despojos, e fizera-ram cousas notaveis que lhes el-rei D. João não agradeceo como elles esperavam: pelo que elles desnaturando-se do reino se foram a Castella para el-rei D. Henrique o II ao qual Lopo Vasques fez conde de Buendia, e a Gil Vasques deu as villas de Roa e Manoilha.

A este fidalgo (João Fernandes Pacheco) o
dito rei D. Henrique por os muitos serviços que
lhe fez deu a villa de Belmonte na Mancha do
Aragão, de cuja filha D. Maria Pacheco que ca-
sou com Rodrigo Telles Giron, filho de Martins
Vasques da Cunha, nasceram os dois nobres se-
nhores de Hespanha, D. João Pacheco, que foi
duque de Escalona, marquez de Vilhena e mes-
tre de São Thiago, e D. Pedro Giron, mestre de
Calatrava, autor do condado de Urenha.

Discripção do reino de Portugal, por Duarte
Nunes de Leão. cap. LXXXVII. Edição de 1610.

(2) O antigo marquezado de Vilhena tende

Seu tio, o arcebispo de Toledo, era de um carácter aspero e violento, pertencendo ao numero d'aquelles prelados audaciosos e turbulentos, não raros na idade media, a quem Deus fadara mais para os perigos da guerra, do que para as práticas do culto. Era altivo, fero, e de um trácto desagradável: a sua indomável resolução valia para o bom exito dos seus projectos, não menos do que os recursos extraordinários de que podia dispor, como Primaz das Hespanhas. Amigo fiel, e inimigo implacável, era em grau imminente, um homem da sua época. (1)

O marquez de Vilhena, n'esta conjunctura, quando a causa de Henrique IV parecia desesperada, apesar de ter por si o conde de Haro, e a poderosa família do marquez de Santilhana, cujos vastos dominios nas Asturias, faziam manter fieis ao rei as províncias do norte, parecia inclinado a uma transacção, que podesse dar paz ao reino.

Propoz-se, portanto, a Henrique IV que tratasse de efectuar o casamento de sua irmã a infanta D. Izabel (que depois foi Izabel-a-Cathólica) com o irmão do marquez de Vilhena, D. Pedro Giron, grão mestre da ordem de Calatrava, a fim de chamar ao seu partido a poderosa família dos Pachecos. O arcebispo de Toledo acolhia com favor a idéa de ver um sobrinho seu, ligado com a casa real, e com probabilidades de subir ao primeiro posto do estado.

Henrique IV teve a fraqueza de aceitar estas propostas. Escreveu-se a Roma, para que o grão mestre fosse desligado dos seus votos, e fizêram-se esplendidos preparativos para solemnizar as futuras bodas. (2) Porém, apesar da repugnância invencível que a infanta D. Izabel, então com dezesseis annos de idade, mostrava para um tal consórcio, que offendia o seu or-

sido encorporado à coroa de Castella, foi cedido ao príncipe Henrique de Aragão, quando casou com a filha de João II. Foi depois confiscado por aquelle monarca, em consequencia das contínuas rebeliões do príncipe Henrique: e o título juntamente com uma larga porção do domínio originário foi conferido a D. João Pacheco, pelo qual foi transmitido a seu filho, depois elevado à dignidade de duque de Escalona, no reinado de Izabel-a-Cathólica. Nota de Prescott-History of the Reign of Ferdinand and Izabella — Tomo 1º pag. 100 apud — Sallazar de Mendoza, dignidades de Castella e Leon

(1) O arcebispo de Toledo que fez a principal figura nesta longa e continua guerra civil, era um dos mais poderosos senhores de Castella, porque as rendas do arcebispado de Toledo, calculadas por Lucio Maríneo, no reinado de Izabel-a-Cathólica, elevavam-se á enorme quantia de 80:000 ducados. O celebre viajante veneziano Navegiero affirma na relação da sua viagem á Hespanha que a Sé Metropolitana de Toledo era a mais rica da christandade, que os conegos viviam em palacios, e que os rendimentos delles e os do arcebispo igualavam os de toda cidade.

(2) Historia de Espana. Siglo XV. Part.

gulho de princeza, talvez elle se tivesse realizado, se D. Pedro Giron, atacado repentinamente por uma febre maligna, outros dizem que envenenado, não terminasse a vida dentro do curto espaço de quatro dias (2 de Maio de 1466). (3)

Este acontecimento tornou inevitável a continuação das hostilidades. Em 1467 os dois exercitos encontraram-se nas planícies de Olmedo. Henrique IV levava em sua companhia o marquez de Santilhana, e seus irmãos o bispo de Calahorra, o conde de Tendilla, e a sua família; o conde de Medina; o duque de Albuquerque, D. Bertrand de la Cueva, genro d'este, com a sua gente; Juan Fernandes Galindo com as guardas do rei. O exercito, ao todo, elevava-se a oitocentas lanças, setecentos cavallos, e dois mil infantes, e foi ordenado em batalha por D. Pedro Peralta, condestável de Navarra, que tinha vindo da parte do rei de Aragão com uma mensagem a Henrique IV.

O exercito de D. Afonso era mais numeroso. D. Alonso Henriques, filho primogenito do almirante de Castella, conduzia duzentos e cincuenta cavallos, entre lanças e ginetes. D. Garcia de Padilha commandava uma companhia de duzentos cavallos pertencentes ao mestre de Santiago, marquez de Vilhena. Fernando da Fonseca, irmão do arcebispo de Sevilha, outra de cento e cincuenta cavallos, entre lanças e ginetes. Troillo Carillo, filho do arcebispo de Toledo, outra de trezentos e sessenta cavallos. Pedro de Ontriberos, outra de quatrocentos cavallos, entre lanças e ginetes: o bispo de Plasencia, e sua filha a condessa de Belalcasar, quinhentos homens de pé. O infante D. Afonso, revestido de todas as armas, vinha acompanhado pelo arcebispo de Toledo, que tinha por cima da armadura uma estola encarnada, com cruzes brancas para ser reconhecido na batalha, e pelos condes de Alva de Lista, de Ribadeo, e de Luna.

Rompeu a batalha no dia 20 de Agosto (1467), começando ás tres horas da tarde, entrando n'ella quasi exclusivamente a cavallaria, porque a infanteria, de ambos os lados, ou fugiu ou retirou-se. As sombras da noite impediram que a victoria se declarasse manifestamente por qualquer dos partidos. O reino ficava do mesmo modo, entregue á anarchia, dividido entre facções, cujos principaes caudilhos apenas procuravam conseguir pretenções individuaes, e os dois reis, um demasiadamente moço, outro, fraco de espírito, e de curtas facultades, tornavam-se apenas os instrumentos coroados da ambição dos grandes.

A crise, entretanto, tomou novo aspecto, por um acontecimento inesperado. O infante D. Afonso morreu repentinamente, em 5 de Julho de

X. por D. João Ferreras. Madrid. MDCCXXII.— apud Castillo chronica cap. 85: Rudes y Andrade — chronicá de las tres ordenes y Cavallérias.

(3) Ferreras—id.

1468, na villa de Cardenhosa, distante duas leguas de Avila, que fôra o theatro da sua acclamação tres annos antes. Affirmam uns que morrera de peste, e outros que fôra envenenado. Citaremos textualmente os testemunhos contemporaneos, alguns dos quaes ineditos.

Eis o que diz Ferreras, habil compilador da *Historia de Hespanha*, nos principios do seculo XVIII, e que escreve, seguindo as chronicas de Affonso de Palencia e de Castilho.

« A noticia da reducção de Toledo á obediencia do rei, feriu vivamente aos que estavam em Arevalo com o infante D. Affonso: e assim o arcebispo de Toledo, como o mestre de Santiago, e os mais senhores, trataram de ajuntar a sua gente, para recuperar aquella cidade. Havia-los reunido, pozeram-se a caminho com o infante D. Affonso, e sua irmã D. Izabel, tomando o caminho de Avila. Chegaram a Cardenosa, distante duas leguas d'aquella cidade, e o infante depois de ter jantado, deitou-se para dormir a sesta, e sendo já mui tarde, e vendo que não acordava, entraram no quarto, e acharam-no accomettido de um accidente mortal, com os sentidos perdidos, de que se seguiu uma grande perturbação; applicaram-lhe quantos remedios descobriu a medicina, e a oportunidade; porém foram sem fructo; porque em breve morreu n'uma terça-feira 5 de Julho, tendo quinze annos de idade: com o que se verificou o prognostico do papa. O corpo do infante foi levado pelo bispo de Coria, para ser depositado em S. Francisco de Arevalo, d'aonde depois foi trasladado ao da Cartuxa de Miraflores de Burgos, aonde jaz seu pae. Fizeram-se varios juizos por causa da morte do infante; uns disseram que morrera por peçonha que lhe haviam dado n'uma truta; outros, que de epidemia contagiosa, que infestava summamente aquellos lugares; porém tem-se por mais verosimil que morresse de apoplexia. » (1)

Eis o que se encontra no *Chronicon de Valladolid*:

Julho 5 (1468). Morreu este infante e principe (D. Affonso) depois de assim jurado rei em um lugar, que chamam Cardenosa junto de Avila, terça-feira cinco de Julho, anno Domini MCCCCLXVIII annos: uns dizem que morrera de peste, e outros de hervas que lhe deram n'uma truta. (2)

N'outra passagem do *Chronicon de Valladolid* encontra-se esta noticia ácerca do infante D. Affonso:

« Dom Affonso, irmão do dito rei D. Henrique quarto, de pae, e de mãe da santissima

rainha Dona Izabel, se se conta como rei, porque na verdade foi jurado por tal em vida do dito rei D. Henrique quarto, seu irmão, por causa de seus descuidos e negligencias, houve-se contar pelo duodecimo do nome, porque dizem que depois de jurado governou quatro annos, e morreu em Cardenosa, logar da terra de Avila, de peste; outros dizem que lhe deram peçonha em uma truta. E eu ouvi dizer que a rainha santissima mandara que o seu retrato fosse pintado com corôa, e que se posesse no catalogo dos reis. »

O arcebispo de Toledo, o mestre de Santiago, e varios senhores levaram a infanta D. Izabel á cidade de Avila, com o intuito de a proclamar rainha: ao mesmo tempo que o arcebispo de Sevilha, os condes de Plasencia, Benavente, e Miranda, apenas souberam da morte do infante, prestaram ao rei D. Henrique IV novo juramento de fidelidade.

A Andaluzia, aonde dominava a poderosa familia do duque de Medina Sidonia, pronunciou-se quasi inteiramente em favor de Izabel, e se esta adherisse aos desejos dos seus partidarios, é evidente que Henrique IV teria a final de resignar o throno.

A sua situação era tão precaria, que elle escrevia a seguinte carta de convocação ás cidades e villas do seu reino: « Eu el-rei vos envio saudar a vós alcaides, aguazis, regedores, cavaleiros, jurados e homens bons da mui nobre e mui leal cidade de Toledo, como aquelles que muito amo e prezoo, e de quem muito confio. Faço-vos saber que estando eu aqui na villa de Madrid, e comigo D. Affonso de Estuniga, conde de Placenzia, e o mui reverendo em Christo padre arcebispo de Sevilha, e os condes de Benavente e Miranda, e o reverendo padre bispo de Siguenza esperando outros prelados e grandes d'estes meus reinos, me chegou nova como hontem terça-feira aos cinco dias d'este mez de Julho aprouve a Nosso Senhor levar para si a meu irmão, do qual tive mui grande dôr e sentimento assi por ser meu irmão, como por morrer em tam tenra idade e inocente, o qual tratei de vos participar para que o saibaes e ponhaes em bom recado a essa cidade. Assi mesmo porque eu mediante a graça de Deus, com accordo dos prelados e grandes dos meus reinos, e dos procuradores das cidades, villas, e irmandades d'elles, entendo dar ordem, paz, socego e tranquillidade aos ditos meus reinos, e ao bom regimento e administração e governação da justiça d'elles, de maneira que todas as guerras, males e danños cessem nos ditos reinos. Por isso eu vos mando que envieis logo a mim duas boas pessoas d'essa cidade com vosso poder bastante para que juntamente com os ditos prelados e grandes e os outros procuradores das outras cidades entendam na dita paz e socego como cumple ao serviço de Deus, e meu, e ao bem commun d'estes meus reinos. Dada em a nobre e leal villa de Madrid aos 5 de Julho de

(1) Ferreras—*Historia de Hespanha*—Parte X.
A. C. 1468.

(2) *Chronicon de Valladolid* illustrado com notas por D. Pedro Sainz de Baranda—*Colección de documentos inéditos para la historia de España*. Tomo XIII.

anno de LXVIII. — Eu el-rei. — Por mandado de el-rei. João de Oviedo. (1)

A infanta Izabel, entretanto, apesar de instada pelo arcebispo de Toledo, e outros senhores, para aceitar o throno, resistiu em hesitar a esta seductora offerta, e disse que em quanto seu irmão vivesse não tinha nenhum direito aos reinos de Castella, que o paiz havendo estado por muito tempo dividido entre os dois monarcas, que disputavam a corôa, a morte prematura de Affonso devia olhar-se como um indicio de que o ceo desapprovava a sua causa.

Quando algumas cidades lhe escreveram, pedindo-lhe que tomasse as redeas do governo e o titulo de rainha, como sendo legitima herdeira dos reinos de Castella, respondeu de novo que não aprovou esse a Deus que vivendo seu irmão el-rei D. Henrique, ella tomasse o governo nem o titulo de rainha de Castella. E o que ella poderia fazer era trabalhar com seu irmão quanto lhe fosse possivel, para que usasse de mais prudencia na governação do reino. (2)

A reconciliação teve logar em 9 de Setembro d'este mesmo anno de 1468, na Castella-a-Nova, n'um logar denominado Toros de Guisando, entre Cebreros e Cadahalso. Os principaes capitulos d'esta concordia foram os seguintes: « Que a princeza Izabel fosse havida e jurada por herdeira dos reinos, e por rainha proprietaria e senhora d'elles depois da morte do rei D. Henrique. Que se lavrasse um decreto geral de amnistia a favor dos conjurados, e se restituisssem os bens a todos os que tinham seguido a voz do rei D. Affonso. Que se escrevessem cartas a todas as cidades e villas do reino, participandolhes o que se concordara n'esta entrevista com prevenção de que nas suas respectivas municipalidades levantassem bandeiras por el-rei D. Henrique, e jurassem por princeza herdeira dos estados de Castella a D. Izabel. O rei promettia de boa fé tratar seriamente d'uma reforma geral no governo, com accordo e conselho dos prelados, grandes, e procuradores das cidades e villas e irmandades do reino, e de tomar todas as medidas para firmar a paz, o sociego e a publica tranquillidade. A princeza, os prelados, grandes, e cavalleiros que seguiam a D. Affonso, ficavam reconhecendo a D. Henrique como rei de Castella e de Leão, fazendo-lhe preito e homenagem, e aceitando-o como rei e senhor natural; finalmente decidiu-se que se convocariam cortes geraes para ratificar o que se decidira na entrevista, e sancionar os capitulos e condições da dita escriptura de concordia. (3) Para maior segurança, pediu-se tambem ao rei que se apartasse da rainha D. Joanna, sua mulher, e de sua filha, e mandasse ambas para Portugal. (4)

Henrique IV, adherindo a condições tão humilhantes, não era sincero. Todos os escriptores são concordes em afirmar que elle amava a princeza D. Joanna, como sua propria filha, apesar das suspeitas que havia sobre a legitimidade do seu nascimento; e parece que assinando este tratado, Henrique IV secretamente se ligara com o marquez de Vilhena, com o fin unico de o infringir quando tivesse ensejo.

Em quanto tinha logar esta entrevista, o marquez de Santilhana, o poderoso magnate das Asturias, irritado por não se ter pedido o seu conselho em negocio que tanto interessava a segurança do estado, e a prosperidade do reino, resolveu tirar partido da sua posição, e mostrar a influencia que poderia exercer nos acontecimentos que se preparavam. O marquez de Santilhana conservava em seu poder, no castello de Buitrago, a princeza D. Joanna, e desejando que a rainha, mulher de Henrique IV, que estava presa no castello de Alejos, se pudesse reunir a sua filha, propoz-lhe que viesse ter com ella, que elle e toda a sua casa a haviam de proteger, caso que tentassem realizar o que fôra tratado em Toros de Guizando.

A rainha D. Joanna aceitou a offerta, e o marquez de Santilhana mandou a dom Luiz Furtado de Mendoza, a Alejos disfarçado, com uma somma sufficiente para comprar os guardas, que fazendo a vista grossa, deixaram entrar avisos e cordas, e a rainha uma noite desceu por uma janella, e montando nas ancas do cavallo de dom Luiz, em breves horas abraçava sua filha no castello de Buytrago.

Parece que nem mesmo na prisão em que estava encerrada, a honra da rainha ficara a abrigo da maledicencia, e odios do povo. Ferreras por esta occasião, escreve o seguinte: « Alguns aggravam com má nota a fama da rainha, dizendo, que no tempo da sua detenção no castello de Alejos, emprenhara de um sobrinho do arcebispo de Sevilha; porém tudo é conto da malicia do vulgo, fundado na frequencia com que entrava no seu quarto este mancebo, que por ordem do arcebispo tinha de tratar d'ella: porque a acção de escorregar por uma corda, cavalgar e caminhar como pela posta, para chegar a Buytrago, não é de pessoa que esteja em termos de parir, como se estivera se isto fôra verdade; nem depois que esteve em poder do marquez de Santilhana, ha notícia de aborto ou de parto. Dizemos isto, porque não podemos supportar embustes offensivos, nem deixar cair nodoas no credito d'uma mulher. (4)

(1) Don Iuau de Ferreras — Historia de Espana. — Siglo XV Part X. A. C. 1468.

O autor que assim falla é Antonio de Nebrixa, porque a este boato allude Damião de Goes — Chronica do principe D. João cap. XXXVI pelos seguintes termos: « e porque Antonio de Nebrixa nesta mudança da rainha falla nella mais desonestamente do que dantes o fez, não será rasão passar adiante sem aqui pôr suas feias palavras

(2) Marina. Theoria de las cortes — segunda parte — Tomo II. lap. XXXVIII.

(3) Ibidem apud Palencia Cronica.

(4) Marina. Theoria de las cortes Part 2.^a

(4) Ferreras. Historia de Espana — A. C. 1468.

A rainha D. Joanna, pela sua decisão e animo varonil, se não pela pureza dos seus costumes, parece que era digna irmã do esforçado Affonso v. Quando viu as cattas de Henrique iv as cidades e villas do reino, participando que a princeza D. Isabel havia sido jurada herdeira, convocando os procuradores para que em Ocana concorressem a fazer o mesmo juramento, e para celebrar cōrtes, mandou imediatamente a dom Luiz Furtado de Mendoza a Casarubios para protestar em seu nome diante do legado do papa, contra similhante juramento, e contra tudo quanto se havia tratado em Toros de Guisando.

A princeza Isabel, entretanto, via-se reques-tada pelos principes vizinhos, apenas se divulgou a noticia de que fôrasolemnemente reconheci-da herdeira do reino de Castella. O irmão do rei de Inglaterra Eduardo iv, era um dos preten-dentes: o segundo, o duque de Guienna, o infeliz irmão de Luiz xi, n'aquelle tempo ainda con-siderado successor do throno.

Para quem o seu coração se inclinava, e talvez as ideias politicas que já dominavam o seu elevado espirito, era para seu primo Fernando de Aragão. Este principe estava no vigor da idade, e era notado entre as damas pela gentileza da sua pessoa. Nas agitadas scenas em que elle fôra involvido desde os seus primeiros annos, demonstrara não menos o seu valor, do que um juiso maduro para os negocios do governo. Superior pelos dotes do corpo, e do espirito aos seus rivaes, desposando Isabel poderia realisar a constante aspiração que ha seculos agitava os diversos reinos de Hespanha. Todos reconhecião quanto util seria reunir o reino de Aragão ao de Castella, quando possuiam instituições analogas, fallavam a mesma lingua, e quando formando uma unica nação, e consolidando-se n'uma só monarchia, poderiam representar um papel importante no systema geral da politica europea.

e lhe responder a ellas, as quaes são pontoalmente as seguintes. Esta honrada e boa senhora para que a deshonra, que fazia a el-rei seu marido, fora a todos mais notorio, namorou-se de um mancebo, do qual poucos dias depois veio a emprehender, e não o vendo disso contente, fez com elle que de noite com cordas a tirasse de casa, em que estava, e dahi a levasse n'um cavallo de posta a Buylago, como sez. Oh Deos immortal, quão pouco juizo, e discripção de palavras em homem de que se esperavi o contrario. Responda Antonio de Nebrix a este fraco arguento, se a rainha era prenhe, com que rosto havia de ir prenhe, e em companhia do adultero soccorrer-se a princeza D. Joanna sua filha, e pôr-se em mãos do conde de Tardilha vassallo, criado, e feytura de el-rei D. Henrique, a quem esta injuria se fazia, se assim era, como elle diz, o qual recolhendo a si punha a risco de perder a graça de el-rei, o qual conde como é notorio a recebeu, e servio alli como a rainha e senhora, e não como adultera e infame

O mestre de Santiago entretanto, com a sua costumada versatilidade, inspirado pelo desejo de decidir, a seu bel prazer, dos destinos da monarchia, e receiando que os seus vastos dominios que haviam já pertencido a um principe de Aragão, podessem, por este casamento, volver aos seus antigos possuidores, determinou empregar todos os esforços para impedir este matrimonio. Communicou as suas idéas ao arcebisco de Sevilha, e ao conde de Plazencia, pintando-lhe com vivas cores os perigos da reunião das duas corôas, e enviando recado ao marquez de Santilhana, que conservava em seu poder, como já dissemos, a rainha D. Joanna, e a princeza sua filha, concordaram todos em que a princeza D. Isabel se casasse com D. Afonso v de Portugal, que estava viudo, e a filha da rainha com o principe D. João, seu filho primogenito, e unico herdeiro. (1)

O arcebispo de Toledo, que estava então intimamente ligado com a princeza Isabel, não ignorava os projectos do mestre de Santiago, e despachando um proprio com cartas para o duque de Medina Sidonia, para o conde de Arcos, dom Pedro Henriques, e outros senhores, lhes pediu que favorecessem o casamento da princeza com o principio herdeiro de Aragão.

O *Chronicon de Valhadolid* refere miudamente as circunstancias d'este acontecimento, que tanto devia influir sobre os futuros destinos da Hespanha.

1469 — Agosto 31. — Veiu a princeza D. Isabel para Valhadolid, quinta feira xxxi do Agosto, meia hora depois do sol posto, e com ella os senhores arcebispo de Toledo, e o almirante dom Fradique, *anno domini mccccl xviii.*

Outubro 6. — Saiu de Aragão o rei de Sicilia, principe D. Fernando, filho do rei de Aragão, e partiu de Saragoça com animo de vir casar-se com a dita senhora princeza, sexta feira vi de Outubro.

7 — E no sabbado seguinte, antes do romper da alva , saiu das fronteiras de Aragão, e entrou em Castella, e veiu acompanhado de Affon-

(1) Esta é a narração de Ferreras, apud Palencia, Castilho etc. Damião de Goes diz que o embaixador de Afonso V. fôra o arcebispo de Lisboa, D. Jorge da Costa, depois cardeal. A princesa D. Izabel, ainda não era casada a esse tempo mas já entrára em negociações com o rei de Aragão, por intervenção do arcebispo de Toledo, e por tanto recusou. Ferreras equivoca-se seguramente dando o nome de Alonso de Nogueira ao arcebispo de Lishoa.

Prescott, apud. Bernaldes Reyes Catholicos e Alonso de Palencia diz que os rapazes ajuntavam-se ás portas do palacio de Henrique IV e repetiam estancias satyricas, em que se mettia a ridiculo a despropositão que havia entre os annos maduros de Affonso V, e as graças juvenis de Izabel. O povo miudo de Castella em geral desejava que a princeza cazasse com o principe de Aragão.

so de Palenzuela (é erro, segundo nota o senhor Sainz de Baranda: deve ler-se Palencia, e é o famoso chronicista) secretario do arcebispo, e de Tristão de Villarruel, e de Gutierre de Cardenás, mestre-sala da dita senhora princeza, e de um correio que se chamava Aunon: no primeiro dia andou vinte leguas, no segundo dia chegou a Poma, aonde fallou com o senhor dom Pedro Manrique, conde de Treviño, com vinte de cavallo. (1)

Eis agora a narração de Affonso Palencia, companheiro de viagem do principe, como vimos, resumida pelo senhor Sainz de Baranda.

«Saindo D. Fernando de Saragoça passou em direitura a Verdejo, povo situado nos confins de Aragão, e distante hoje em dia d'aquella cida-de doze leguas, aonde o esperava Gutierre de Cardeñas, e sem demorar-se em Verdejo passaram adiante. Levava o principe na sua comitiva cinco pessoas unicamente, além de Pedro de Aunon, correio que servia de guia, e um cavaleiro chamado João de Aragão. Chegou o principe com o seu acompanhamento a uma aldeia situada entre Gomara e o Burgo de Osma. Ali se detiveram todos, unicamente o tempo necessário para ceiar, e acabada a ceia, em que o principe por maior dissimulação serviu à mesa, depois de cuidar das cavalgaduras partiram de noite a deshoras, para proseguir a sua viagem. Entretanto havia saído de Saragoça Mosen Pero Vaca, apparentando levar alguns regalos ao rei de Castella, mas conduzindo na realidade em varias cargas toda a equipagem do principe. Juntaram-se em Calatayud Alonso de Palencia e Thristão de Villareal, e seguindo ostentosamente o seu caminho por Ariza e Monteagudo, chegaram ao Burgo de Osma no dia 6 de Outubro. Mui entrada a noite chegou tambem o principe ao cabo de dois dias e duas noites sem descanso, o que fazia com que os do seu acompanhamento estivessem mortos de frio, e rendidos de sono.» (2)

Eis o que se lê tambem no *Chronicon de Valladolid*:

1469 — Outubro 14 — Sabbado XIII de Outubro, 11 horas depois do meio dia veiu secretamente o dito senhor para ver a princeza, e logo quasi á meia noite estando o senhor arcebispo de Toledo presente, desposou-se secretamente com a dita senhora em presença de Pero Lopez, capellão do dito senhor arcebispo, e de Gutierre de Cardeñas, e de Gonçalo Chacon, e de um tabellião: e logo voltou o dito senhor para Duenas.

18 — Voltou o dito senhor rei (o principe D. Fernando tinha o titulo de rei de Sicilia) a Va-

(1) *Chronicon de Valladolid*, pg. 74, 75—Collection de documentos ineditos por la Historia de Espana Tomo XIII.

(2) Idem — pag. 77 e 78. Nota 96: resumo da narração de Affonso de Palencia pelo sr. Sainz de Baranda

Ihadolid acompanhado do conde de Trevino, e do adiantado de Casorla, e de Diogo de Roxas, e de Sancho de Roxas, e com elles trinta de cavallo, e com os senhores arcebispo e almirante, e outros que sairam a recebel-os, quarta feira XVIII de Outubro quasi ás quatro horas e meia depois do meio dia: e logo quasi ás sete depois do meio dia se desposou publicamente com a dita senhora na casa de João de Vivero na sala rica por mão do senhor arcebispo, aonde jurou estar sob a obediencia do senhor rei de Castella, e outros muitos capitulos que agora não escrevo.

— 1469 — Outubro 19. — Quinta feira seguinte, que foram XVIII de Outubro fecharam-se na dita casa e sala, disse-lhes missa o dito Pero Lopez, que primeiro os casou, e jantaram com grande solemnidade: foi padrinho o almirante, e madrinha Dona Maria, mulher de João Vivero: nessa noite foi consummado entre os noivos o matrimonio, aonde se mostrou cumprido o testemunho de sua virgindade e nobreza em presença de juizes, regedores e cavalleiros, segundo pertencia a reis. (4)

Fernando e Isabel deram imediatamente parte do seu casamento a Henrique IV, mandando-lhe uma copia do contracto. Henrique IV, cada vez mais sujeito á influencia do mestre de Santiago, respondeu friamente ao enviado: «que havia de submitter o negocio ao parecer dos seus ministros.»

A rainha Dona Joanna, de novo reunida a seu marido, e contando com o apoio dos mais poderosos senhores de Castella, sentia reanimadas as esperanças de deixar sua filha na posse do throno.

Continua.

LOPES DE MENDONÇA.

COINCIDENCIAS N' TAVEIS DOS NOVE ALGARISMOS COM
A HISTORIA DE PORTUGAL, EM QUANTO DOMINOU
N'ESTE REINO A LINHA AFFONSINA DE SEUS MONAR-
CHAS: PEQUENO TRIBUTO DEDICADO AO ILL.^{MO} SR.
J. DA C. CASCAES, EM TESTEMUNHO DE CONSIDERAÇÃO,
POR SEU AMIGO M. DALHUNTY.

Algarismo 4 e 5.

Continuação

Faz D. João I, estes quatro casamentos: o principe D. Duarte, com D. Leonor, filha de D. Fernando, rei de Aragão; a infanta D. Isabel, com Filipe, o bom, duque de Borgonha, (por occasião das bodas instituiu o noivo a ordem do Tozão d'Ouro); o infante D. Pedro, com D. Isabel de Aragão; o infante D. João, com D. Isabel de Portugal, filha de D. Affonso, seu irmão natural, e da filha do condestavel D. Nuno Alvares Pereira. E n'estes casamentos figura qua-

(1) Idem — pag. 79.

tro vezes a letra *L*: na inicial de Leonor, e terminação de tres Izabeis.

D. Duarte, successor de seu pae, D. João I, resolveu tomar Tanger, para assignalar seu reinado, com alguma nova conquista em Africa. Embarcou para esta empreza, com os dois infantes D. Henrique e D. Fernando, vinte e dois annos depois da empreza de Ceuta, aos 22 do mesmo mez de Agosto (dois e dois, quatro). Contando levar quatorze mil homens, sómente com metade veiu depois a achar-se.

Mencionamos quatro coisas importantes para o Affonso que se seguiu ao quarto, e foi herdeiro de D. Duarte; dois casamentos, um nascimento, e um obito. Casa a infanta D. Leonor com o imperador Frederico III, e faz as ceremonias o proprio papa; quando projectava accometter os mouros d'Africa, morre D. João II de Castella, e succede-lhe D. Henrique IV, que trata casamento com a infanta D. Joanna, irmã de D. Affonso; no dia anterior ao quarto do mez que seguiu o quarto d'aquelle anno, deu a rainha á luz um menino que foi baptizado na cathedral de Lisboa, com o nome de João, que veiu a ser segundo como rei d'este nome, e quarto da nova dynastia, começada em D. João I.

São quatro os actos ultimos de D. Affonso V: renova a guerra com Hespanha, ao regresso de França; annula a dispensa que tinha do papa, para casar com D. Joanna sua sobrinha; torna a fazer pazes com a Hespanha, por ver a esquivança do seu filho a continuar a guerra; e professando aquella princeza no Convento de Santa Clara em Coimbra, cæe elle enfermo, e procura reconciliar o filho com o duque de Bragança quem elle tinha grande odio, renunciando finalmente ao reino e ao mundo, partia occultamente da corte para recolher-se ao Varatojo, quando foi ferido da peste em Cintra, e ahi falleceu aos 28 (quarta semana) de Agosto em 1481, na edade de quarenta e nove (quarenta e oito e um) e com quarenta e quatro quasi de reinado.

Deu D. João II, quarenta mil cruzados de esmola à gente de quatro galés venesianas que uns piratas franceses haviam tomado e posto em terra nas costas d'este reino. A republica de Veneza lhe mandou uma solemne embaixada, agradecendo aquella generosidade, e sollicitando sua alliança. Foi esta a segunda embaixada que a este soberano, lhe trouxeram suas mãos largas.

Teve D. Manuel, estes quatro grandes homens: Vasca da Gama, Duarte Pacheco, Francisco de Almeida, e Affonso de Albuquerque.

5

Affonso Henriques sucedeua a seu pae cinco annos depois d'elle ter falecido.

Depois da victoria de Ourique alcançada no centro da quinta provincia do seu reino, tendo recebido cinco feridas no combate, e vencido cinco reis, poe no seu escudete cinco besantes:

Aqui pinta no branco escudo usano
Que agora esta victoria certifica
Cinco escudos azues esclarecidos,
Em signal d'estes *cinco* reis vencidos
E n'estes *cinco* escudos pinta os trinta
Dinheiros porque Deus fôra vendido;
Escrevende a memoria em varia tinta,
D'aquelle de quem foi favorecido.
Em cada um dos *cinco*, *cinco* pinta
Porque assim fique o numero cumprido;
Contando duas vezes o do meio
Dos *cinco* azues que em cruz pintado veiu.

Vezeis *cinco* a letra L omittida em seu nome e vale cincoenta lhe foi memoravel, até à tomada de Lisboa: uma lançada de D. Fernando Yannes em Galliza; Leiria arrasada pelos mouros antes que lhe tomasse Santarem; Lamego, onde convocou as primeiras cortes; Lourenço Viegas, que figurou principalmente n'ellas; Lisboa, que já casado com D. Mafalda tomou, fazendo voto de edificar Alcobaça.

Aos 5 do mez, seguinte ao quinto do auno, que precedeu 1265, fizeram-se as demarcações dos reinos de Portugal e Hespanha, obrigando-se o quinto rei d'aquelle, a dar por Silves cincoenta lanças; homenagem de que ficou *liberto* D. Affonso, quando D. Beatriz e seu filho D. Diniz, cinco annos depois, foram a Sevilha, a vesitar este seu avô, rei de Castella.

Hia havendo cinco reis simultaneos na Peninsula: D. Diniz une-se com os de Aragão e Granaada para pôrem no throno de Castella D. Affonso de Lacerda, e no de Leão, o infante D. João filho do defunto rei D. Sancho, o Bravo. Concluiu-se a facção com dois casamentos: D. Constança de Portugal passou à Hespanha, para cazar-se quando tivesse edade, com o rei de Castella; de lá veio para este reino D. Beatriz, irmã do principe de Castella, para se receber, com o infante D. Affonso, filho de D. Diniz.

A Diniz, seguiu-se, 5.º rei, o mestre d'Aviz: aquelle.

« Ficou-lhe o filho pouco obediente,
« Quarto Affonso; mas forte e excellente,
que foi pae de D. Pedro :

« Do justo e duro Pedro nasce o brando.
« Remisso e sem cuidado algum, Fernando.
A este sucedeua o mestre d'Aviz,

« Joanna e a quem do peito o esforço cresce.

Acclamaram o mestre d'Aviz, como D. João I. aos 5 dias do mez que precede o 5.º em 1385. Tinha nascido em Lisboa aos 15 do mesmo mez em 1358 (85-58). Foi educado por Nuno Freire de Andrade, mestre da Ordem de Christo; e este foi quem pediu para elle a D. Pedro seu pae, o mestrado de Aviz.

Continua.

Publicou-se a comedia em 3 actos, *Ninguem julgue pelas apparencias*, por Alfredo Hogan — preço 360 réis.